

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JAQUELINE CONZ

**IRONIA VERBAL:
Teorias e Considerações**

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JAQUELINE CONZ

IRONIA VERBAL:
Teorias e Considerações

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como exigência parcial para obtenção de grau de
Licenciado em Letras.

Prof. Dr. Maity Simone Guerreiro Siqueira
Orientadora

Porto Alegre
2010

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, Beatriz e Agapito, pois, mesmo longe, estiveram, à maneira deles, ao meu lado.

Agradeço aos meus grandes amigos que conheci nesses anos de Letras: àqueles que foram meu exemplo de dedicação e determinação – Maitê, César e Emanuel; àqueles que me mostraram que mudar vale sempre a pena e que nunca é tarde demais – Mozart e Rafael; e àqueles que, mesmo sem saber, me fizeram seguir em frente, principalmente naqueles momentos de incerteza – Juliana e Aline.

Agradeço às minhas amigas de longa data, Carla, Juliana, Marília e Taís, sem as quais essa jornada teria sido muito mais árdua e sem graça.

Gostaria de agradecer também aos mestres que me iluminaram com sua sabedoria, me mostrando que eu havia encontrado o caminho certo: à minha orientadora Maity Siqueira, pois foi com ela que tomei gosto por linguística; às minhas professoras de estágio Luciene Simões e Maria Alice Kauer, pois elas me deram a certeza de que seria uma professora de fato; e às professoras de literatura Elisabete Peiruque e Ana Maria Lisboa de Mello, por despertarem um gosto pela leitura que eu pensara estar adormecido para sempre.

E, por fim, agradecer àquele que esteve sempre ao meu lado, sendo, mesmo sem saber, fonte de inspiração e de imensa ajuda para a confecção deste trabalho: meu namorado Vinicius.

RESUMO

O presente estudo apresenta um levantamento do recurso linguístico da ironia verbal, sendo pesquisados trabalhos sobre o fenômeno em questão, disponíveis na literatura específica. Inicialmente, fez-se um levantamento de como a ironia foi estudada através da história. A seguir, pesquisas mais recentes foram apresentadas, tomando-as como base primária para a diferenciação de enunciados irônicos de não-irônicos. Para tal análise, as propostas avaliadas foram a de Grice (1982), com seus conceito de implicaturas convencionais e conversacionais, Sperber e Wilson (1981, 1986) e suas teorias da menção ecóica e da relevância, Kreuz e Glucksberg (1989) e a proposta do lembrete ecóico, Kumon-Nakamura et al. e a alusão pretensa de ironia (2007) e, finalmente, Utsumi (2000), com sua teoria da demonstração implícita de ambiente irônico. Por fim, foram analisadas as funções sociais da ironia e o impacto causado por seu uso.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia. Ironia verbal. Implicaturas.

ABSTRACT

The present essay introduces a study of the linguistic resource of verbal irony, having works about the studied phenomenon available in the specific literature as a parameter. At first, a survey of how irony has been studied through history was made. As for theoretical foundation, more recent researches were analyzed, taking them as a starting point on how to differentiate ironic from non-ironic utterances. For such examination, some proposals were assessed, as Grice (1982), with his concept of conventional and conversational implicatures, Sperber & Wilson (1981, 1986) and their theory on echoic mention and relevance, Kreuz & Glucksberg (1989) and the proposal of the echoic reminder, Kumon-Nakamura et al. and the pretense allusion of irony (2007), and, finally, Utsumi (2000), with his theory on the implicit display of ironic environment. At last, the social functions and the impact caused by the use of irony were analyzed.

KEY-WORDS: Irony. Verbal irony. Implicatures.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplos de Pistas de Ironia.....	41
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 UMA BREVE HISTÓRIA DA IRONIA	13
2.1 A ironia socrático-platônica	13
2.2 A ironia para outros filósofos	15
2.3 A ironia de hoje	17
3 A IRONIA E A LINGUISTICA	18
3.1 O modelo pragmático de Grice	18
3.2 Teoria da menção ecóica	22
3.2.1 <i>Teoria da relevância</i>	24
3.2.2 <i>O lembrete ecóico</i>	26
3.2.3 <i>“Alusão pretensa de ironia”</i>	27
4 DISTINGUINDO ELOCUÇÕES IRÔNICAS DE NÃO-IRÔNICAS	31
4.1 Críticas às propostas anteriores	31
4.2 Teoria da demonstração implícita	34
4.3 Literal X Figurado	38
4.4 Sarcasmo X Ironia	39
4.4.1 <i>Características do sarcasmo/ironia</i>	41

5 FUNÇÕES SOCIAIS DA IRONIA	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Diversas vezes, enquanto conversando com amigos e conhecidos, alguém fazia certo comentário: *Fulano não está falando sério. Ele está sendo irônico*. O que percebia é que essa pessoa irônica era mal interpretada por seus ouvintes, que nem sempre reconheciam a ironia na fala do outro, assim havendo a necessidade de algum comentário como o acima para esclarecer eventuais desentendimentos. Esse fato me chamava a atenção e comecei a me perguntar qual seria o mecanismo mental com o qual poderíamos ser capazes de compreender que algum falante não está utilizando-se de sentido literal, mas sim sendo o que se conhece por irônico. Essa questão foi a motivação maior para a produção deste trabalho.

Segundo o dicionário Aurélio (2005) ironia é um "modo de exprimir-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando ou sentindo, ou por pudor em relação a si próprio ou com intenção depreciativa e sarcástica em relação a outrem; contraste fortuito que parece um escárnio; sarcasmo, zombaria".

Segundo essa definição, pode-se dizer que a ironia é dizer o oposto do que se quer dizer, assim deduzindo-se que a ironia é nunca dizer aquilo que se quer dizer de fato. Porém, será que isso é uma verdade absoluta? Essa questão será abordada em capítulos posteriores, havendo uma tentativa de esclarecer se a ironia se resume somente a esse aspecto.

Há muitas discussões a respeito do que exatamente é a ironia e como ela é compreendida. Para este estudo, é de extrema relevância não somente procurar entender os significados que um dicionário fornece, mas também fazer um levantamento do estado da arte dos estudos sobre ironia no âmbito da linguística.

Há autores que acreditam que a ironia é tradicionalmente vista como uma situação que contrasta o que é esperado com o que ocorre, ou uma expressão que contradiz a verdadeira opinião do falante. Kierkegaard, em seu livro intitulado *O conceito de ironia*, escreveu que "como os homens da ciência afirmam que não é possível uma verdadeira ciência sem a dúvida, assim também se pode, com inteira razão, afirmar que nenhuma vida autêntica humana é possível sem ironia" (1965, p. 277).

Outros autores defendem que a ironia pode ser considerada a arma mais poderosa na fala do cotidiano: um instrumento para esconder as verdadeiras intenções – sejam elas tentar reprimir, fazer graça, rebaixar – para evitar responsabilidades por aquilo que é dito ou para deixar o mundo ou alguém às avessas (GIBBS, 1994).

Gibbs (1994), em seu livro *The Poetics of Mind*, afirma que três diferentes tipos de ironia são geralmente estudados: ironia verbal, ironia situacional e ironia dramática. A diferença entre elas seria:

- (a) *Ironia verbal* é uma figura de linguagem na qual o falante intenciona ser entendido como falando alguma coisa que contrasta com o uso literal do que foi dito.
- (b) *Ironia situacional* resulta do reconhecimento de estranheza de uma dada situação, havendo discrepância entre o resultado esperado e o resultado real.
- (c) *Ironia dramática* é quando há uma diferença de consciência entre a personagem de uma obra literária e seu leitor; quando as palavras e ações possuem significância que o leitor entende, mas não a personagem.

A ironia tratada nesse trabalho é especificamente a ironia verbal. A ironia verbal se distingue das outras duas por ser produzida intencionalmente pelo falante, ou seja, o uso intencional de ironia verbal reflete a percepção da situação como sendo irônica (GIBBS, op.cit.).

Dessa forma, quando alguém fala “Que dia maravilhoso!” em um dia de tempestade, essa frase reflete a percepção do falante da contradição entre as suas expectativas – de que fosse um dia bonito – e a realidade. O interessante é notar como o falante e alguns de seus interlocutores percebem essas incongruências e outros interlocutores parecem não entender o que está de fato acontecendo. Essa consciência sugere que ironia não é meramente uma forma de retórica ou uma figura de linguagem, mas sim uma figura importante para se entender como a mente funciona (GIBBS, op.cit.).

O objetivo inicial deste trabalho é tentar entender qual é o gatilho que dispara o entendimento de enunciados irônicos. Partindo do pressuposto de que a ironia é amplamente utilizada na fala do dia-a-dia, por qualquer cidadão, pode-se considerá-la importante para o

estudo no âmbito linguístico. Diferentes áreas de estudo tentam dar conta de tal fenômeno, como a linguística, a filosofia, a psicologia, a retórica e pode-se encontrar a ironia - e tentar explicá-la através destes exemplos – na literatura, na arte, no cinema, na música, entre outros. Mas o porquê de tantas pessoas utilizarem-se dessa forma de comunicação, que quer dizer aquilo que não foi explicitamente dito, é um mistério. Por que, afinal, querer utilizar um modo de se comunicar que parece estar sujeito a diversos erros de interpretação?

Como comentado no início do capítulo, a ironia é muitas vezes mal interpretada, como nos casos de textos escritos – o autor Luís Fernando Veríssimo é um grande exemplo de escritor que foi diversas vezes mal compreendido por seus leitores devido ao uso de ironia em seus textos – assim como em casos da fala cotidiana. Compreender o que leva a esse entendimento é o objetivo deste trabalho.

Considerando as questões observadas acima, este trabalho tenta construir um entendimento do uso da ironia a partir de estudos realizados por outros, ou melhor, a partir de parte desses estudos que foram lidos para o trabalho, utilizando-se um método colaborativo e não oponente. Dessa forma, acredita-se que as teorias para a compreensão da ironia verbal não se opõem, mas se complementam. O trabalho se presta a fazer um levantamento bibliográfico de estudos relacionados à ironia verbal, abordando o que diferentes teorias trazem para explicar a ironia.

Diferentemente de outras figuras de linguagem não-literais, como a metáfora e a metonímia, a ironia procura provocar reações emocionais naqueles que a compreendem e naqueles que não a entendem, assim como em seus alvos e naqueles que poderiam ser chamados de *vítimas*. A dimensão afetiva é ponto fundamental desta revisão, assim como a sua limitação deliberada de uso da ironia verbal.

Como e por que a ironia toma forma – ou não – com um interesse em particular em seu uso como ferramenta social; dizer e esperar que os interlocutores entendam não somente o real significado, mas também a atitude do falante em relação ao que foi dito; como decidimos que um enunciado é irônico; o que engatilha que aquilo que foi ouvido ou dito não tem significado *per se*, mas necessita de complementação com um significado diferente, inferido, para ser chamado de ironia. Este trabalho tenta responder a essas questões fazendo um levantamento bibliográfico sobre o estudo da ironia verbal.

Antes de entrar em maiores detalhes, é importante iniciar elucidando como a ironia começou a ser estudada e como o conceito inicial se difere do conceito atual. No próximo capítulo, será feito um apanhado geral sobre a ironia e seus conceitos através da história.

2 UMA BREVE HISTÓRIA DA IRONIA

A tentativa de estudar e compreender a ironia tem origem filosófica. Foram os pensadores que tentaram, pela primeira vez, utilizar-se de um meio de explicar, assim como de apreender, o que tal fenômeno seria. Entre os filósofos que mais contribuíram para o conceito de ironia, está Sócrates. Ainda que sua ideia de *eironeia*¹ fosse bem diferente do conceito moderno de ironia, foi a partir dele que as primeiras imagens de ironia surgiram e que, com o passar do tempo, foram estudadas e analisadas mais a fundo.

2.1 A ironia socrático platônica

De acordo com o *New Dictionary of the History of Ideas* (2004), existem diferentes perspectivas a respeito da ironia através da história das ideias. Os primeiros a olharem mais a fundo esse modo de se expressar foram os socráticos platônicos.

Aristóteles, que relata os métodos que Sócrates utilizava, reconhecia que a *eironeia* continha diferentes níveis de verdade, sendo que a negação dessa verdade era um dos seus aspectos intrínsecos. Em *Arte Retórica*, o filósofo aborda diferentes tipos de facécias utilizados em discursos. Um dos temas citados é justamente a ideia de abalar a seriedade dos oponentes utilizando-se de ironia. Aristóteles (op.cit.) explica qual seria, então, a função de tal recurso: “[...] a ironia quadra melhor ao homem livre do que a bufonaria, pois ironizamos para nos deliciarmos, ao passo que bufoneamos para deliciar os outros” (p. 219).

O modelo de Aristóteles para a ironia é o da ironia socrática, que está de acordo com o método socrático. Quando esse método é tomado de forma mais abrangente, pode ser chamado de maiêutica – a procura da verdade no interior do homem. A estratégia utilizada por Sócrates, então, nada mais seria do que “[...] propor questões simples ao interlocutor para provocar uma confusão, através de um resultado aporético, a fim de confundi-lo e de mostrar-lhe a fraqueza de sua posição” (VENÂNCIO, 2009, p.1). Esse método era utilizado para um

¹ O vocábulo ironia se originou do grego antigo *eironeia*.

“[...] alargamento progressivo das consciências, atitude na qual percebemos certa dimensão ética.” (BITTENCOURT apud VENÂNCIO, 2009, p.1). Quando Sócrates confessava que nada sabia, levava seus interlocutores a confessarem a própria ignorância.

Sócrates, ao utilizar o método socrático, não tentava ridicularizar ou diminuir seus interlocutores; ele tentava ajudá-los, os conduzindo à luz do conhecimento. A ironia socrática tentava criar um mal-estar, uma tensão e, a partir desse despertar da consciência, tentava-se levar a pessoa à sua verdade interior.

Em *O Conceito de Ironia*, Kierkegaard teoriza sobre a ironia, baseando sua tese em textos socráticos. Ele afirma que “[...] a figura de linguagem irônica supera imediatamente a si mesma, na medida que o orador pressupõe que os ouvintes o compreendem, e deste modo, através de uma negação do fenômeno imediato, a essência acaba identificando-se com o fenômeno” (1991, p. 216). Dessa forma, o autor sugere que a ironia, quando utilizada, deve ser inferida pelos ouvintes, pois o filósofo parte do pressuposto que o emissor de tal recurso acredita que seu interlocutor compreenderá a ironia da mensagem. E segue, afirmando que

[...] se às vezes ocorre que um tal discurso irônico vem a ser mal compreendido, isto não é culpa do falante[...]. Costuma-se dizer de uma tal orientação irônica do discurso: não há seriedade nesta seriedade. A expressão é tão séria que causa horror, mas o ouvinte experiente está iniciado no mistério que se esconde por detrás. (KIERKEGAARD, 1991, p. 216)

Pode-se dizer que a ironia causa uma estranheza tão grande por ser tão séria que aquele que tem um mínimo de experiência, saberia tratar-se de ironia. Para Kierkegaard, há duas formas de utilização da ironia: a forma mais corrente, que é quando se diz num tom sério o que não é pensado seriamente, e a outra forma, ocorrendo raramente, quando brincando se diz em tom de brincadeira algo que se pensa a sério.

Outro aspecto relevante ressaltado por Kierkegaard é o fato de que a figura de linguagem irônica tem uma propriedade que também é característica para toda ironia: uma certa *nobreza*. Essa nobreza viria do fato de que a ironia gostaria de ser compreendida, mas não diretamente, e tal nobreza faz com que “a figura olhe como que de cima para baixo o discurso simples que cada um pode compreender sem dificuldades” (KIERKEGAARD, 1991, p. 216).

Sendo a ironia, então, uma figura de linguagem que demanda certo grau de esforço para ser compreendida, o irônico tende a se manifestar de duas formas:

Ou o irônico se *identifica* com a desordem que ele quer combater, ou ele *assume* frente a essa uma *relação de oposição*, mas naturalmente, sempre de tal modo que esteja consciente de que a aparência dele é o contrário em que ele se apoia, e que saboreie essa inadequação. (KIERKEGAARD, 1991, p. 217).

Nas palavras de Kierkegaard, a ironia de Sócrates possui uma dualidade de fascínio e repulsa:

O disfarçado e o misterioso que ela tem em si, a comunicação telegráfica que ela inaugura, já que um irônico sempre deve ser compreendido à distância, a infinita simpatia que ela pressupõe, o fugaz mas indescritível instante de compreensão, que é reprimido imediatamente pelo medo da incompreensão, tudo isso cativa em laços indissolúveis. Por isso, se o indivíduo no primeiro instante se sente liberado e expandido pelo contato do irônico, que se abre diante dele, no instante seguinte o indivíduo está em seu poder [...]. Dado que, além disso, é essencial ao irônico jamais enunciar a ideia como tal, mas apenas sugeri-la fugazmente, e tomar com uma das mãos o que é dado com a outra, e possuir a ideia como propriedade pessoal, a relação naturalmente se torna ainda mais excitante. (1991, p.51)

A ironia socrática, destinada a levar seus interlocutores à convicção do erro, e a partir dela ao conhecimento da verdade, é bem diferente do conceito de ironia conhecido atualmente. Porém, Venâncio (2009) acredita que, mesmo assim, ela possa se assemelhar com o conceito introduzido por Sócrates, fazendo, para tanto, uma diferenciação na valoração do que o autor chama de *ironia elegante* e *ironia canhesta*. A primeira seria uma figura retórica que não ridiculariza o autor, mantendo a respeitabilidade daquele o qual se busca convencer – e, portanto, aproxima-se da ideia de ironia socrática. A segunda seria a ironia e seu conceito mais atual.

2.2 A ironia para outros filósofos

A ideia inicial de ironia foi se concretizando, e chegou a um padrão mais definitivo no século IV a.C. Nesse momento, Mônica Neves (2006) afirma que a ironia é vista como uma

culpa pensada em elogio e elogio pensado em culpa. Outra afirmação importante apontada por ela é que:

Dois aspectos da ironia estavam implicados nessa definição: ‘culpar pelo elogio’ é ironia satírica; ‘elogiar pela culpa’ é ironia cômica, que se dá através de características indesejáveis atribuídas a uma vítima simpática, em que se chama atenção do auditório para suas reais virtudes. (NEVES, 2006, p. 18)

Cícero, em *De Oratore*, acreditava que nem todos os tipos de ironia querem dizer "o exato reverso do que se diz", mas apenas algo "diferente", a zombaria, a dissimulação. Cícero afirma ainda que a ironia está envolvida em um problema moral mais amplo, a partir do momento em que ela “não se confina nem na filosofia, nem na eloquência, mas se mistura à vida cotidiana.”

Quintiliano (1944) classificou a ironia como uma forma de alegoria (entendida como *illusio*). Porém, este conceito de alegoria foi estreitado para excluir a ironia: "alegoria implica similitude entre a coisa falada e a entendida; ironia, uma contrariedade entre elas" (NEVES, 2006, p. 19).

Quintiliano postulou ainda a concessão irônica - expor as ideias da vítima, fazendo com que ecoem com uma falsa aceitação - e o conselho irônico - fazer com que o interlocutor persista em procurar por loucuras/vícios que já persegue.

Neves (2006) afirma que alguns estudiosos tardios reconheceram todas essas estratégias como ironia, além do argumento falacioso, a *reductio ad absurdum*, a paródia, o burlesco e o caráter fictício, dentre outras. Além disso, a autora afirma que, na Alemanha, no séc. XVIII e início do séc. XIX, a ironia de Cervantes e Sócrates misturaram-se à filosofia transcendental, começando a fase moderna da ironia.

Segundo o *New Dictionary of the history of ideas* (2004), Shaftesbury e Friedrich Schlegel inovam o conceito de ironia, que assume, ao mesmo tempo, uma forma de aderir ou de se separar de um ponto de vista. Goethe (op.cit.) afirma que a ironia permite um estado de espírito acima do bem e do mal, fazendo que os próprios erros possam ser vistos com humor; para Schlegel (idem), a ironia é um diálogo contraditório no pensamento: a fé nos valores humanos e a ausência da realidade ideal, o objetivo e o subjetivo.

2.3 A ironia de hoje

Em continuidade aos estudos de ironia, o estudo de ironia verbal tem sido retomado mais atualmente por alguns pesquisadores. Segundo Neves (2006), incongruência irônica tem sido encontrada nos mais sutis níveis de diferenças entre os sentidos.

Muitos estudos para se tentar compreender como a ironia acontece em níveis pragmáticos e semânticos tem sido realizados nos últimos anos. Algumas teorias apontam conceitos diferentes, que não se opõem, mas se complementam. Essas teorias serão estudadas nos capítulos seguintes, levando-se em conta que algumas dessas propostas foram muito importantes para o estudo da ironia em diversas áreas, todas com interesse linguístico. Entre elas:

- a) A proposta de Grice;
- b) A proposta de Sperber e Wilson;
- c) A proposta de Kreuz e Glucksberg;
- d) A proposta de Kumon-Nakamura et al.;
- e) A proposta de Utsumi.

O estudo da ironia na atualidade abandona o campo filosófico para se aproximar de outra área da ciência, a linguística, mais especificamente da pragmática. Quem dá conta de como a ironia é produzida na mente do falante e como ela é interpretada na mente dos seus respectivos interlocutores é a psicolinguística. Nas próximas sessões, essa será uma das abordagens referidas, além de estudos cognitivistas, filosóficos.

3 A IRONIA E A LINGUISTICA

Considerando-se os estudos da ironia em termos atuais, ela tem sido estudada mais efusivamente no campo linguístico. Diversos autores trouxeram suas contribuições para a compreensão do fenômeno da ironia verbal, muitos deles bebendo na fonte de seus antecessores.

O que é importante ressaltar é o fato de que, aparentemente, essas teorias não são contraditórias, mas sim colaborativas. A partir da proposta do filósofo inglês Paul Grice, muitas outras surgiram tentando explicar a ironia, como a proposta de Sperber e Wilson, Kreuz e Glucksberg, Kumon-Nakamura et e Utsumi. Essas propostas serão apresentadas a seguir, trazendo as principais contribuições de cada estudo.

3.1 O modelo pragmático de Grice

Como reconhecer as intenções de comunicação de outro indivíduo? Para Grice (1982), isso se dá pela análise do sentido figurado a partir de sua categoria de implicaturas conversacionais. Antes de aprofundarmo-nos nesse tema, cabe fazer a distinção entre implicaturas conversacionais e convencionais, de acordo com o filósofo. Enquanto estas estão ligadas ao sentido literal (convencional) das palavras, aquelas estão ligadas a traços gerais do discurso.

Um exemplo de implicatura convencional está indicado em (1):

- (1) a. Sou filho único, mas não sou egoísta.

Nesse exemplo, (1) deixa subentendido que filhos únicos são egoístas mesmo não o tendo dito efetivamente. A sugestão de tal opinião se dá através da conjunção “mas”. As implicaturas convencionais são ligadas ao sentido literal das palavras e “em alguns casos a significação convencional das palavras usadas determinará o que é implicitado, além de nos

socorrer na determinação do que é *dito*” (GRICE, 1982, p.85). Portanto, (1) se compromete na significação de suas palavras, no fato de implicitar que filhos únicos são egoístas.

Da mesma forma, um exemplo de implicatura conversacional está indicado em (2):

- (2) a. Que horas são?
b. O sol já nasceu.

Na situação apresentada em (2), há uma necessidade de se fazer inferências para manter o significado do que foi dito, podendo, então, concluir que nossos diálogos são permeados por inferências pragmáticas. O que (2b) faz é fornecer alguma informação para que (2a) consiga deduzir o horário aproximado. Segundo Grice:

Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem. Fundamentalmente, eles são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita. (1982, p. 86)

Assim, o autor afirma que é possível formular um princípio geral que seria observado por todos os participantes de uma conversa: “Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que está engajado” (GRICE, 1982, p. 86). A isso, o autor denominou de *Princípio de Cooperação*. Esse princípio, segundo Grice (p. 87-88), deve respeitar a quatro máximas:

1. **Máxima de Quantidade:** faça com que a sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação); não faça a sua contribuição mais informativa do que é requerido.
2. **Máxima de Qualidade:** não diga o que você acredita ser falso; não diga senão aquilo que você possa fornecer evidência adequada.
3. **Máxima de Relação:** seja relevante.
4. **Máxima de Modo:** seja claro (evite ambiguidades, obscuridade de expressão, seja breve e ordenado).

O que ocorre é que, quando falamos, nem sempre o Princípio de Cooperação e as máximas são observadas. O falante, muitas vezes, deixa essas diretrizes de lado. Grice (1982, p. 91-92) exemplifica:

1. Ele pode, calma e não ostensivamente, *violar* uma máxima. Se isso ocorre, em alguns casos ele estará sujeito a provocar mal entendidos.
2. Ele pode *colocar-se fora* da esfera de atuação tanto das máximas quanto do Princípio de Cooperação; ele pode dizer, indicar ou permitir que se compreenda que ele não quer cooperar na forma exigida pela máximas. Poderá dizer, por exemplo, *Eu não posso mais falar; meus lábios estão selados*.
3. Ele pode estar enfrentando um *conflito*: ele pode, por exemplo, ser incapaz de cumprir a primeira máxima da quantidade (seja tão informativo quanto exigido) sem violar a segunda máxima de qualidade (tenha evidência adequada para o que diz).
4. Ele pode *abandonar* uma máxima, isto é, pode espalhafatosamente deixar de cumpri-la. Na hipótese de que o falante é capaz de cumprir a máxima e de cumpri-la sem violar outra máxima (devido a um conflito), de que não está colocando-se fora, e de que não está, face ao espalhafato de seu desempenho, tentando enganar seu interlocutor, o ouvinte está diante de um pequeno problema: como pode o fato do locutor ter dito o que disse ser reconciliado com a suposição de que ele está observando o Princípio da Cooperação?

Este último exemplo é uma situação que gera implicaturas conversacionais nas quais, quando assim geradas, uma máxima está sendo *utilizada*. Quando essa forma de implicatura está presente, deve ser deduzida, elaborada, e, para tal dedução, o interlocutor deve operar com os seguintes dados: (1) o significado convencional das palavras usadas, juntamente com a identidade de quaisquer referentes pertinentes; (2) o Princípio de Cooperação e suas máximas; (3) o contexto linguístico ou extralinguístico, da enunciação; (4) outros itens de seu conhecimento anterior (*background*); e (5) o fato (ou fato suposto) de que todos os itens relevantes cobertos por (1) – (4) são acessíveis a ambos os participantes, e ambos sabem ou supõem que isto ocorra (Grice, 1982, p. 93).

Observando os dados acima, os ouvintes de um enunciado deduziriam se o falante está utilizando-se de algum tipo de implicatura conversacional, fazendo uso de todos os dados antes de chegar a uma conclusão definitiva. Para Grice, a ironia ocorre quando há uma violação explícita da máxima de qualidade (*não diga aquilo que você acredita ser falso*). Por exemplo:

X, a quem A sempre confiou seus segredos, revelou um segredo de A a um concorrente seu. Tanto A quanto seus ouvintes sabem disso. A diz: 'X é um excelente amigo'. (Interpretação: É perfeitamente óbvio para A e seus ouvintes que o que A disse ou fez como se tivesse dito é algo em que ele não crê, e os seus ouvintes sabem que A sabe que isto é óbvio para eles. Assim, a não ser que a enunciação de A seja inteiramente sem propósito, A deve estar tentando comunicar alguma outra proposição que não parece estar dizendo). Tal proposição deve ser obviamente relacionada com a que parece estar dizendo, e a proposição mais obviamente relacionada é a contraditória da que ele parece estar dizendo. (GRICE, 1982, p. 96)

A ironia, na concepção de Grice, serve para expressar uma atitude, um sentimento do falante. Aquilo que é dito ironicamente tem uma conotação hostil: o falante carrega um sentimento de desprezo por seus ouvintes (OLIVEIRA, 1994). Nota-se que a concepção de ironia em Grice é semelhante ao conceito clássico de ironia: o enunciador produz um enunciado irônico e sua intenção é significar o oposto do que foi dito literalmente. Um exemplo de ironia pela quebra da primeira máxima de qualidade está em (3)²:

- (3) a. O que você acha do governo militar?
b. Democrático demais.

No exemplo acima, (3a) e (3b) sabem que a grande acusação feita aos governos militares é não serem eleitos pelo povo, na maioria dos casos, e obstaculizarem as eleições diretas. Nesse sentido, a resposta de (3b) é francamente irônica, afirmando algo em que ele não acredita, para implicar que, ao contrário do que se diz, acusa o governo de antidemocrático.

Porém, como Perna (2005) ressalta,

é bem possível que um falante queira, por vezes, transmitir, algo além do sentido literal de seu enunciado. Quando este falante deseja transmitir algo

² Exemplo retirado de <http://www.pucrs.br/letras/pos/logica/implicat.html#cinco>, disponível em 20/12/2010.

além de um dos sentidos literais, a noção de implicatura conversacional é relevante. No entanto, no caso de linguagem figurada, o falante normalmente tem a intenção de transmitir algo diferente de um dos sentidos literais de seu enunciado: a implicatura teria de ser vista como algo que substituiria o sentido literal. (p. 222)

A ideia de que uma implicatura conversacional pode contradizer o sentido literal de um enunciado vai contra o argumento central de Grice (implicaturas agem como premissas em um argumento que busca evidenciar que o falante observou as máximas de conversação ao enunciar algo). Perna (2005) acredita que a interpretação de enunciados irônicos não pode ser reduzida à busca por implicaturas conversacionais sem que se distorça a noção de implicatura propriamente dita - aquilo que o falante comunica globalmente, para além do significado gramatical.

Grice, ao tentar explicar as interpretações figurativas na teoria pragmática, não conseguiu responder a duas questões: por que o locutor prefere utilizar-se de enunciados irônicos em vez de uma forma literal e transparente, e como a transposição de sentido literal para implicatura conversacional é feita com a ironia.

É fato que a análise da ironia não é central em Grice, mas vai revelar que a retomada dos estudos do fenômeno pela pragmática moderna não se distanciou da concepção clássica, ou seja, “diz respeito somente a uma interpretação contrária do que se disse – a observação é simples, sem detalhamento.” (NEVES, 2006, p. 29)

3.2 Teoria da menção ecóica

Sperber e Wilson apontam que as teorias clássicas para explicar a ironia não são suficientes, pois não explicam aspectos imanentes ou que estejam associados à ironia. Eles tratam a ironia como menção ecóica (1981). Para exemplificar, os autores utilizam o exemplo em (4):

- (4) a. Estou cansado
b. Está cansado!? E o que você acha que eu estou?

No exemplo, a proposição usada em (4a) é mencionada implicitamente na resposta de (4b). Esses casos de menção não são utilizados para informar alguém sobre o conteúdo da elocução anterior, mas sim para indicar que a elocução foi ouvida e entendida e expressar a reação imediata do ouvinte. Sperber e Wilson argumentam que menções ecóicas são muito comuns na fala cotidiana e que, junto com as palavras escolhidas pelo falante, o tom de voz e o contexto imediato, indicam a atitude do falante em relação à proposição mencionada.

Tendo em vista esse argumento, como a ironia se enquadraria, exatamente, nessa proposta sugerida por Sperber e Wilson? De acordo com os autores, o falante menciona uma proposição de tal modo que a rejeita como sendo falsa, inapropriada ou irrelevante. Para o interlocutor, entender tal enunciado envolve tanto perceber que é um caso de menção mais do que de uso, quanto reconhecer as atitudes do falante em relação à proposição mencionada. Para que a interpretação irônica seja bem sucedida, dependerá desse reconhecimento duplo. Sperber e Wilson afirmam que o reconhecimento de enunciados irônicos como um caso de menção é crucial para sua interpretação como tal.

Pode ser sugerido que há dois tipos de ironia: a) ecóica, da qual a interpretação envolve o reconhecimento de seu status como menção e b) tradicional, da qual a interpretação envolve uma recuperação de seu sentido figurado. Para os autores, porém, essa distinção não seria possível: todos os exemplos de ironia devem ser interpretados como menções ecóicas, as quais possuem diferentes tipos e gradações. Sperber e Wilson (1981) argumentam que todos os casos padrão de ironia – e muitos que não se encaixam no padrão tradicional de ironia – envolvem menção de uma proposição.

Além disso, Sperber e Wilson (1992) trazem exemplos de atenuações irônicas. Imagine que uma pessoa teve que amputar uma das pernas devido a uma necrose dos tecidos do corpo, causada por um forte frio. Ela justifica o incidente dizendo “É, estava um pouco frio”. As atenuações são tradicionalmente analisadas por dizerem não o oposto do que se quer dizer, mas sim abrandar o real significado. Embora sejam intuitivamente irônicas, não comunicam nem (5a) nem (5b) como a definição tradicional de ironia:

- (5) a. Pode-se dizer que não estava frio.
- b. Não se pode dizer que estava frio.

Os exemplos acima são considerados irônicos porque a relação de expectativa X realidade não se encaixa na mente do interlocutor.

3.2.1 Teoria da relevância

Sperber e Wilson levam em consideração a forma como a informação é representada na mente e como ela é processada inferencialmente. Os autores partem da proposta de Grice, porém discordam em alguns aspectos. O primeiro aspecto de discordância é o que diz respeito à existência das máximas conversacionais. Em sua proposta, Sperber e Wilson apenas se utilizam da Máxima de Relação (*seja relevante*), afirmando que a comunicação é guiada pelo princípio da Relevância.

Outro ponto importante de discordância é a forma como os autores tratam o contexto. Enquanto, para Grice, ambos o falante e o interlocutor deveriam estar a par do contexto (sendo este de conhecimento comum), para Sperber e Wilson o contexto é um conjunto de *premissas* – informações mentalmente representadas – utilizado para interpretar os enunciados.

Uma breve explanação sobre a Teoria da Relevância segue nas palavras de Sperber e Wilson:

De acordo com a Teoria da Relevância, enunciados geram expectativas de relevância não porque falantes obedecem a um princípio de cooperação ou a alguma outra convenção comunicativa, mas porque a busca pela relevância é uma característica básica da cognição humana, que comunicadores podem explorar (2005, p. 223).

Dado esse conceito, como a ironia atinge a relevância? Sperber e Wilson (1986) afirmam que a ironia é uma interpretação de segundo grau: quando se falam de elocuições usadas para interpretar os pensamentos de outrem, seria claro afirmar que sempre se tratam de interpretações de segundo grau.

Segundo os próprios autores, a ironia verbal não envolve nenhuma maquinaria especial ou procedimentos que não os já necessários para abordar um uso básico da linguagem, o uso interpretativo, e uma forma específica de uso interpretativo, o uso ecóico (SPERBER e WILSON, 2005).

Um enunciado pode ser interpretativamente usado para representar outro enunciado ou pensamento que se assemelha a ele em conteúdo. O tipo de uso interpretativo mais conhecido é a fala ou pensamento indireto. Um enunciado é ecóico quando ele alcança a maior parte de sua relevância ao expressar a atitude do falante para pontos de vista que ele implicitamente atribui a outrem (SPERBER e WILSON, 2005, p. 246).

Os autores acreditam que a ironia verbal envolve, invariavelmente, a expressão implícita de uma atitude, e a sua relevância depende, pelo menos em partes, da informação transmitida sobre a atitude do falante. E não há limites para as atitudes que um falante pode expressar para uma opinião que foi ecoada. Nas palavras de Sperber e Wilson

As atitudes comunicadas por um enunciado ecóico podem ser muito ricas e variadas. O falante pode indicar que ele endossa ou se dissocia dos pontos de vista que ele ecoa: que está incerto, zangado, entretido, intrigado, cético, etc., ou alguma combinação disso. Na abordagem teórica da relevância, a ironia verbal envolve a expressão de uma atitude tacitamente dissociativa – enviesada, cética, amarga ou arremedada – em relação a um enunciado ou pensamento atribuído. [...] Ironia verbal consiste em ecoar um pensamento ou enunciado implicitamente atribuído com uma atitude tacitamente dissociativa (SPERBER e WILSON, 2005, p. 247).

Para ilustrar, segue o exemplo:

- (6) a. Os Souza não vem pra festa.
b. Eles não vem, hum. Se isso for verdade, nós podemos convidar os Silva.

O enunciado de (6b) ecoa o que (6a) acabou de dizer. Atinge relevância não porque está reproduzindo o que (6a) disse, mas por dar evidências de que (6b) prestou atenção à fala dele e está pensando a sua credibilidade e implicações. O necessário para tornar (6b) irônico é um ambiente onde possa ser compreendido como um eco imitado de um enunciado ou pensamento atribuído.

Para interpretar um enunciado como sendo irônico, portanto, deve-se a) reconhecer o enunciado como ecóico; b) identificar a fonte da opinião ecoada; e c) haver um reconhecimento da atitude do falante em relação à opinião ecoada: se de rejeição ou aprovação. Para os autores, esses três fatores são comuns à interpretação de todos enunciados irônicos. O que Sperber e Wilson (1986) destacam é que

[...] do ponto de vista pragmático, o importante é que o falante pode utilizar-se de enunciados ecóicos para expressar um leque de atitudes e emoções, desde a total aprovação até a total reprovação, e que o reconhecimento dessas atitudes e emoções podem ser cruciais para a interpretação do processo (p. 240, tradução minha).

Por fim, pode-se dizer que a Teoria da Relevância tenta explicar a comunicação irônica de duas formas: (a) a possibilidade de expressar-se ironicamente e ser entendido segue a linha dos mecanismos gerais de comunicação verbal do que níveis maiores de competência e, (b) a ironia não envolve uma quebra de normas, transgressões de regras, convenções ou máximas.

3.2.2 *O Lembrete ecóico*

Kreuz e Glucksberg (1989) criam a teoria do lembrete ecóico, partindo da teoria da menção ecóica, a complementado e criticando. Os autores de tal proposta incluem ecos que tratam de normas sociais nem sempre explícitas em um diálogo.

Considerem-se os exemplos a seguir:

- (7) Fernanda contou um segredo para Mariana. Esta prometeu que iria guardá-lo a sete chaves. Um tempo depois, Fernanda descobre que seu vizinho, Renato, tem conhecimento de seu segredo. Quando Fernanda encontra-se com Mariana, ela diz: “Você é uma ótima amiga!”
- (8) Fernanda e Mariana estavam participando de uma promoção, que sortearia um carro novo. Mariana promete a Fernanda que, se sorteada, daria o carro para Fernanda. Na

hora do sorteio, o nome de Mariana é chamado e ela entrega as chaves do carro para Fernanda, que diz: “Você é uma péssima amiga!”

De acordo com os autores, declarações positivas como “Você é uma ótima amiga” podem ser usadas sarcasticamente. Declarações negativas como “Você é uma péssima amiga” podem ser usadas sarcasticamente somente em circunstâncias especiais (KREUZ e GLUCKSBERG, 1989). Os autores explicam essa assimetria partindo de uma teoria do lembrete ecóico, a qual declara que os interlocutores reconhecem sarcasmo quando percebem que um falante está fazendo alusão a um conhecimento anterior.

De acordo com Kreuz e Glucksberg, declarações positivas como em (7) não necessitam de antecedentes explícitos, pois tais fazem menção a normas e expectativas sociais que são invariavelmente positivas (se não tiver nada de bom para dizer, então não diga nada, por exemplo). A norma social dita que amigos guardam os segredos uns dos outros e, nesse caso, essa norma social foi quebrada, fazendo com que o comentário em (7) ecoe essa norma social, sendo considerado irônico. Porém, declarações negativas como em (8), não conseguem fazer menção a normas sociais positivas, então, elas requerem antecessores explícitos para serem entendidas (KREUZ e GLUCKSBERG, 1989).

Essa proposta pode ser um caso especial de lembretes que aludem a ocorrências anteriores ou a estados de espírito. (GIBBS, 2000). Uma vítima explícita de um comentário intencionalmente sarcástico pode fornecer um antecedente e, assim, permitir o uso sarcástico das declarações.

Ressalta-se que tanto na menção ecóica quanto no lembrete ecóico o falante se refere a estados de conhecimento esperados ou desejados que ainda não foram atingidos.

3.2.3 “Alusão pretensa de ironia³”

³ Tradução livre minha, do original *The Allusional Pretense Theory*.

A proposta de Kumon-Nakamura et al. (2007) também parte do conceito de menção ecóica. Essa teoria alega que marcas irônicas surtem efeito quando aludem a expectativas não atingidas. Os autores afirmam:

Em diálogos normais, isso (ironia) surge quando há uma quebra de regras pragmáticas no discurso, geralmente a máxima da sinceridade. Tais quebras chamam, simultaneamente, a atenção do ouvinte para as expectativas violadas e para a atitude (normalmente, mas não necessariamente, negativa) do falante em relação a essa expectativa violada. (KUMON-NAKAMURA et al., 2007, p. 57) ⁴.

Os autores acreditam que exista uma alusão à violação de expectativas, que pode ocorrer quando se produz expectativas ou desejos na mente do interlocutor, sem referência direta, novamente quando essas expectativas são infringidas por eventos posteriores. Kumon-Nakamura et al. (2007, p. 60) discutem alguns exemplos em que a ironia verbal se enquadra. Entre eles:

- a) Afirmações como *Com certeza você sabe muito* para alguém que demonstra seu conhecimento de forma arrogante;
- b) Perguntas como *Quantos anos você disse que tinha mesmo?* para alguém agindo infantilmente;
- c) Sugestões como *Que tal outro pedacinho de pizza?* para alguém que acabou de passar mal por comer demais;
- d) Pedidos exageradamente educados como *Você se importaria muito se eu pedisse que você considerasse limpar o seu quarto pelo menos uma vez durante o ano?* para um colega de quarto que não é muito organizado.

De acordo com os autores, com exceção do exemplo (a) - que poderia ser considerado uma interpretação ecóica do ponto de vista ofensivo da própria pessoa - os outros exemplos não podem ser considerados ecóicos. (KUMON-NAKAMURA et al., 2007). Os exemplos citados acima parecem ser *alusivos*: aludem a expectativas ou normas que foram violadas, alusões essas que podem ser diretas – quando fazem eco a um enunciado prévio (que o ouvinte possui conhecimentos é parte do que é esperado ou desejado, mas o ouvinte não deveria ter demonstrando seu conhecimento de forma arrogante. Assim, o falante menciona apenas a parte que é de conhecimento geral e deixa a parte inesperada ou indesejada para ser

⁴ Tradução livre minha.

percebida pelo ouvinte) – ou indiretas, como em (b), (c) e (d). Assim, os autores propõem que a interpretação ecóica não faz necessariamente parte do discurso irônico. O que é tido como novo é que uma alusão para alguma predição, expectativa, preferência ou norma é necessária para o discurso irônico. Mais especificamente, uma propriedade necessária para um discurso irônico é alguma alusão a uma predição, expectativa, preferência ou norma que tenha sido violada.

Todos esses mecanismos de uso da ironia possuem um denominador comum que é destacar algum tipo de expectativa, desejo, regra social, entre outros, que foi violado. Já que nem todos funcionam da mesma forma, o termo *pretensão alusional* foi usado por Kumon-Nakamura et al. (2007) para descrever todo e qualquer tipo de referência a expectativas violadas. Assim, qualquer enunciado irônico possui necessariamente a característica de fazer referência à oposição entre o que ocorre e o que deveria ter ocorrido.

O que Kumon-Nakamura et al. (2007) trazem também é a ideia de insinceridade no discurso irônico. Por exemplo, dizer que o tempo está ótimo quando na verdade está horrível é uma descrição insincera do tempo. De acordo com os autores, “as pessoas podem ser insinceras quando fazem uma declaração falsa” (2007, p. 61). Nos exemplos acima, o comentário em (a) é verdadeiro, mas também é insincero como um elogio: o falante demonstra uma atitude negativa em relação ao receptor de tal comentário. Em (b), também existe uma insinceridade: o falante faz uma pergunta, mas não quer saber realmente a resposta. A pergunta é feita, na verdade, para repreender o ouvinte. Assim como acontece em (c): não se espera que a oferta de pizza seja aceita, sendo, portanto, uma oferta insincera. E, finalmente, em (d): quem faz o pedido exageradamente formal, na verdade, não tem a intenção de ser educado; está se mostrando irritado através dessa linguagem. Dessa forma, os autores acreditam que todos os enunciados propositalmente irônicos envolvam algum grau de *insinceridade pragmática*, que violam uma ou mais condições satisfatórias⁵ para se formar atos de fala.

Importante notar que a insinceridade é ponto importante na teoria de Kumon-Nakamura et al., mas não pode ser tomada como condição suficiente. Quando um falante é percebido como mentindo, por exemplo, a ironia não é comunicada. Essa insinceridade,

⁵ Ver seção 4.3 Literal X Figurado.

portanto, deve residir no nível pragmático. Além disso, a insinceridade deve fazer algum tipo de alusão a alguma expectativa, norma ou convenção que tenha sido violada de uma forma ou de outra. O que os autores fazem é declarar que a proposta de “alusão pretensa da ironia” é mais abrangente do que as propostas da menção ecóica ou do que a proposta de pragmática de Grice.

4 DISTINGUINDO ELOCUÇÕES IRÔNICAS DE NÃO-IRÔNICAS

Diversas teorias sobre como a ironia verbal é compreendida tem sido propostas nos últimos anos, mas muitas falham em fazer uma distinção importante entre (a) quais são as propriedades que distinguem elocuições irônicas de não irônicas, (b) como os interlocutores reconhecem elocuições como sendo irônicas, e (c) o que enunciados irônicos expressam para os ouvintes (UTSUMI, 1996). Para Utsumi, essa distinção é importante para se compreender de que forma a ironia acontece.

Segundo o autor, a maior dificuldade em distinguir elocuições irônicas de não-irônicas reside na natureza implícita da ironia: ironia verbal é expressa implicitamente, não explicitamente (UTSUMI, 2000). Essa natureza causa dificuldade quando se tenta traçar limites entre irônico e não-irônico: “A ironia não possui critérios facilmente identificáveis. Por mais que quiséssemos encontrá-los, não há sinais que possam ser considerados de ironia pura” (BARBE apud UTSUMI, 2000, p. 1778, tradução da autora).

4.1 Críticas às propostas anteriores

Utsumi (2000) declara que autores como Grice se focaram mais na relação entre os significados de enunciados irônicos e os seus sentidos intencionados; já pesquisadores como Sperber e Wilson, Kreuz e Glucksberg e Kumon-Nakamura et al. se focaram mais às propriedades da ironia (menção/interpretação ecóica, alusão, insinceridade). Utsumi acredita que as proposta anteriores não fazem uma distinção completa entre enunciados irônicos de não-irônicos: não fornecem uma explicação razoável de como as pessoas julgam um enunciado como sendo irônico ou não (2000, p. 1778).

Segundo o próprio autor, sua proposta parece ser mais abrangente do que as propostas anteriores, fazendo críticas em relação a elas. Alguns de seus pareceres seguem abaixo:

a) A teoria pragmática de Grice:

Tomando o seguinte exemplo,

(Situação 1) Uma mãe pede para que seu filho arrume o quarto bagunçado, enquanto ele estava lendo uma revista em quadrinhos. Depois de um tempo, ela descobre que o quarto continuava bagunçado, e diz ao seu filho:

(9) a. Esse quarto está tão limpo!

para Utsumi (2000), a proposta de Grice parece explicar em partes a ironia contida na fala da mãe. A fala dela quebra a máxima de qualidade, pois expressa algo que totalmente contradiz com a realidade e não acredita no que foi dito literalmente. O que autor diz é que a proposta baseada na quebra da máxima de qualidade falha em dar conta de outros tipos de enunciados irônicos: os ouvintes percebem a intenção irônica mesmo quando enunciados não possuem tal tipo de violação (UTSUMI, 2000). Assim, a ironia pode ser comunicada por diferentes expressões que não incluem a quebra da máxima de qualidade, como em afirmações literalmente verdadeiras (9b) e subentendimento (9c), enunciados na mesma situação 1:

(9) b. Adoro crianças que mantêm o quarto limpo.

c. Esse quarto parece estar bagunçado.

No exemplo seguinte, o ouvinte não sabe se quem fala está quebrando a máxima de qualidade, mas pode inferir tratar-se de um enunciado irônico quando acompanhado por pistas prosódicas:

(Situação 2) Pedro vê sua amiga Paula no trabalho pela primeira vez no dia e ela fala o seguinte:

(10) a. Eu tive uma manhã maravilhosa!

Segundo o autor, esses exemplos sugerem que a proposta de Grice não justifica todos os casos de ironia, dizendo que a violação da máxima de qualidade não é uma propriedade suficiente *per se*. Para o autor

A proposta de Grice não consegue discernir ironia de outros enunciados não-literais (por exemplo, metáforas, atos de fala indiretos) que incluem tal violação. Além, a ideia que ironia compreende o oposto do significado literal é problemática: ironia é muito mais do que uma mera oposição. Por exemplo, o enunciado irônico em (1b) não pode ser visto como comunicando o oposto do que é dito literalmente, como em *Eu odeio crianças que mantêm o quarto limpo!* ou *Eu adoro crianças que não mantêm o quarto limpo!* (2000, p. 1780) ⁶.

b) A teoria da menção ecóica

Partindo da seguinte situação

(Situação 3) Joana disse *Eu vou ser promovida antes de você* para seu colega de trabalho, que enunciou o seguinte:

(11) a. Ah! Você vai ser promovida antes de mim.

pode-se dizer que a proposta de Sperber e Wilson explique-a. Porém, para Utsumi (2000), a interpretação ecóica é incompleta como um paradigma para se compreender a ironia. Para Sperber e Wilson, a noção de interpretação ecóica e de dissociação de um material ecoado é “muito simples” e, portanto “incapaz de explicar todos os casos de ironia” (UTSUMI, 2000, p.1780). Assim, de acordo com o autor, a teoria da menção ecóica não consegue explicar que a ironia não tem que ser necessariamente interpretada como ecóica. Por exemplo, o enunciado (9b) “Adoro crianças que mantêm o quarto limpo” é irônico, mas não é possível encontrar o material do qual a mãe ecoa sua fala. Um outro exemplo que o autor traz é, dada a situação que faz o eco de (11a) ser irônico, o enunciado não-ecóico a seguir (11b) também parece denotar ironia:

(11) b. Muito obrigado por me informar da sua inestimável opinião.

Utsumi afirma que a resposta de (11b) não pode ser analisada como um eco interpretativo por não compartilhar (ou por compartilhar muito pouco) das insinuações de Joana no enunciado anterior e por não compartilhar com normas gerais ou desejos universais (2000, p.1781).

⁶ Tradução livre minha.

Utsumi aponta ainda outro problema que faz com que a proposta de Sperber e Wilson se torne incompleta: não fornece explicação plausível de como a ironia se distingue de ecos interpretativos usados com propósitos não-irônicos.

c) O lembrete ecóico

Quando aborda essa proposta, Utsumi (2000) afirma ser ela uma teoria mais completa que a proposta de Sperber e Wilson, pois o lembrete ecóico afirma que nem todos os enunciados irônicos são ecóicos. Porém, não parece ser uma teoria completa, a partir do momento que Kreuz e Glucksberg não adicionaram muitas outras características de ironia verbal do que fizeram Sperber e Wilson.

d) Alusão pretensa de ironia

Para essa proposta, Utsumi (2000) alega que ela possui uma habilidade poderosa de explicar mais enunciados irônicos do que as propostas acima, resolvendo algumas das dificuldades, pois une a proposta de Grice com a proposta de Sperber e Wilson. Porém, Kumon-Nakamura et al. não conseguem explicar o fato de que a) interlocutores interpretam enunciados irônicos sem reconhecer as violações da quebra de qualidade, b) a noção de alusão não é clara o suficiente para distinguir enunciados irônicos de não-irônicos, e c) não menciona o papel das pistas irônicas quando se interpreta a ironia.

4.2 Teoria da demonstração implícita

A proposta de Utsumi (2000) é chamada *teoria da demonstração implícita*⁷ da ironia verbal, a qual fornece uma explicação de como a ironia é distinguida de enunciados não-irônicos. De acordo com o autor, para se poder fazer tal distinção em ironia verbal, é preciso levar em conta três fatores:

⁷ Tradução livre minha a partir do original *implicit display theory*.

a) **Ambiente irônico**: diz respeito a uma situação no contexto do discurso. Apesar de a ironia ser um fenômeno da linguagem, ela não pode ser estudada fora de contexto. Importante ressaltar que o autor faz distinção entre ironia verbal (situações que fazem o enunciado ser irônico) e ironia situacional (situações que são irônicas). O autor afirma que ambiente irônico é, portanto, um conjunto de situações que motivam a ironia verbal (2000, p. 1778).

b) Para o autor, a ironia verbal é vista como um enunciado que demonstra um ambiente irônico **implicitamente**. Dessa forma, entenderíamos intenções irônicas que não estão explicitamente expressas. Porém, parece que essa demonstração implícita não sugere uma distinção satisfatória entre enunciados irônicos e não-irônicos. Se as implicaturas estão de acordo com o ambiente, a ironia é então compreendida.

c) A ironia verbal é uma **categoria** baseada na noção de **demonstração implícita**. Essa demonstração é atingida através de certas propriedades linguísticas, mas em diferentes níveis. Nem sempre a ironia possui todas essas propriedades. Assim, o conhecimento das implicaturas fornece condições para definir modelos de ironia verbal. Enunciados com mais propriedade de implicitude são percebidas como sendo mais irônicas. Um interlocutor, então, julgará se uma elocução é irônica ou não quando avalia as semelhanças entre o protótipo de ironia e a elocução em questão.

Assim, de acordo com a proposta de Utsumi, a ironia verbal é distinguida de enunciados que não são irônicos através de duas condições gerais: a) a condição de demonstração implícita – a ironia demonstra implicitamente um ambiente irônico – e b) a condição de ambiente irônico – ironia é dada em situações circundadas por ambiente irônico. Quando um ouvinte não consegue reconhecer uma das condições, encara o enunciado como sendo não-irônico. Ele explica o item (b) (UTSUMI, 2000, p. 1783) da seguinte forma:

Dados dois locais temporais t_0 e t_1 que precedem temporalmente o momento em que um enunciado é dado, o ambiente irônico consiste dos seguintes eventos:

1. O falante possui uma expectativa E em um tempo t_0 .
2. A expectativa E do falante não se cumpre (ou seja, é incongruente com a realidade) em um tempo t_1 .

3. O falante tem uma atitude emocional negativa (raiva, reprovação, inveja, decepção, por exemplo) em relação à incongruidade entre o que era esperado e o resultado final.

Utsumi, então, faz referência à primeira situação, que está envolvida por ambiente irônico, já que o irônico – a mãe – possui a expectativa de que seu filho limpe o quarto, mas sua expectativa não é preenchida e pode ser entendido que ela está decepcionada ou nervosa com o resultado final – o quarto ainda bagunçado.

Ele explica que “quando um contexto de fala não é cercado por tal ambiente irônico, no qual o falante não tem razões para utilizar-se de ironia, nenhum dos enunciados produzidos nesse contexto possui intenção irônica” (2000, p.1784). Ele ilustra tal afirmação com o seguinte exemplo:

(Situação 4) Uma mãe pede que seu filho arrume o quarto bagunçado, o que ele faz por completo. Depois de um tempo, ela encontra o quarto arrumado e diz o seguinte:

- (12) a. Esse quarto está tão limpo!
 b. Adoro crianças que mantêm o quarto limpo.
 c. Esse quarto parece estar bagunçado.

Apesar de serem as mesmas expressões usadas ironicamente em (9a)-(9c), nesse contexto, as expressões (12a)-(12c) não são irônicas: (12a) e (12b) são elogios literais e (12c) é uma reclamação literal sem intenção irônica (UTSUMI, 2000). A situação deixa de ser irônica, pois as expectativas do falante são atingidas. De acordo com o autor

As expectativas do falante merecem atenção especial. O importante a ser percebido é que, em minha visão, o falante de um enunciado irônico deve possuir expectativas não atingidas para a sua elocução ser irônica. Em outras palavras, todas as expectativas que motivam a ironia devem ser atribuídas ou possuídas pelo falante (2000, p. 1784).

Esse ponto, então, é o que diferencia a teoria de Utsumi da teoria da menção ecóica. Importante lembrar que, para Utsumi, a ironia demonstra implicitamente um ambiente irônico. Ele explica tal afirmação da seguinte forma (2000, p. 1784-1785):

A demonstração implícita dos três componentes do ambiente irônico é cumprida de tal modo como em um enunciado *U*.

1. Alude à expectativa do falante *E*.
2. Inclui insinceridade pragmática por violar intencionalmente um dos princípios pragmáticos.
3. Expressa indiretamente a atitude negativa do falante em relação à expectativa não cumprida *E*.

De acordo com a noção de demonstração implícita, enunciados são claramente não-irônicos quando expressam *diretamente* pelo menos um dos três elementos do ambiente irônico (UTSUMI, 2000). Para exemplificar, se os enunciados abaixo fossem pronunciados na Situação 1 – que é envolta por ambiente irônico – não seriam percebidos como irônicos:

- (9) d. Eu esperava um quarto limpo.
e. Estou decepcionada com esse quarto bagunçado.

Nenhum dos enunciados acima demonstra implicitamente um ambiente irônico: (9d) expressa diretamente a expectativa do falante e (9e) expressa diretamente a atitude do falante.

Para tentar explicar essa proposta, Utsumi explica que

Quando a condição de demonstração implícita é satisfeita, a condição de ambiente irônico é checada, usando as informações sobre como o enunciado atinge a demonstração implícita. O motivo para se checar o ambiente depois da demonstração implícita é que os interlocutores não conseguem decidir se as expectativas conhecidas motivam a ironia (ou seja, se é parte do ambiente irônico) a menos que se saiba que o enunciado faz alusão a tal expectativa. Quando os ouvintes reconhecem imediatamente uma alusão às expectativas do falante, somente examinam se essa expectativa forma um ambiente irônico. Então, se os ouvintes conseguem reconhecer ou pressupor tanto a incongruidade da expectativa conhecida quanto a atitude negativa, eles julgam o enunciado como irônico. Por outro lado, se os ouvintes percebem que a expectativa não consegue formar um ambiente irônico, julgam o enunciado como não-irônico (2000, p. 1792).

4.3 Literal X Figurado

Uma das questões centrais para se entender a ironia é a relação entre o sentido literal e o sentido figurado das enunciações. Afinal, abordagens semânticas tradicionais vêem a ironia como um fenômeno no qual se diz algo *literalmente* e se objetiva um sentido *figurado* oposto do que foi dito. Porém, essas abordagens falham em explicar o que exatamente é esse sentido figurado e falham em explicar por que enunciados figurados existem.

Segundo Grice (1982), quando criou sua proposta pragmática, esses sentidos estão ligados às implicaturas. Para se calcular uma implicatura, primeiro se considera o significado literal de uma expressão e depois, se ele for de alguma forma inadequado aos objetivos da conversação, cria-se uma hipótese sobre o que o interlocutor está pretendendo dizer. Num enunciado irônico, o que é dito viola uma das máximas da conversação propostas por Grice. Ao identificar o desvio em relação ao significado “literal”, os interlocutores inferem o que o falante pretende comunicar.

Outro autor que tenta fazer uma distinção entre esse dois sentidos é John R. Searle. O autor questiona o ponto de vista dos filósofos e dos linguistas que dizem ser possível conceber um sentido literal para toda frase, independente do contexto. Ele, então, argumenta contra esse ponto de vista, afirmando ser impossível determinar um contexto nulo ou zero para interpretar a maioria das frases (PERNA, 2005).

A teoria pragmática desenvolvida por Searle pretende explicar a linguagem figurada com base na noção de *ato de fala indireto* - um enunciado cuja estrutura gramatical indica uma força ilocucionária diferente daquela pretendida pelo falante (SEARLE, 1975). Além desse ponto, Searle assinala que o "mecanismo indicador da força ilocucionária" mostra ao interlocutor qual tipo de ato de fala está sendo realizado. No ato de fala explícito, o indicador principal é o verbo performativo, como em *Prometo não me atrasar mais*. Nos atos de fala diretos implícitos, e nos indiretos, a força ilocucionária do enunciado – isto é, o tipo de ato de fala realizado no enunciado – pode ser indicada por "mecanismos" como o tom de voz, a entonação, o acento, a ordem de palavras, o modo verbal. Esses mecanismos dizem respeito à compreensão de enunciados irônicos, pois vem acompanhados de contexto extralinguístico.

Por exemplo, num enunciado como *Que dia bonito!* a entonação (juntamente com fatores como a expressão facial) é um dos indicadores de se tratar de um enunciado literal ou irônico, sendo, outro fator, a expressão gramatical sendo diferente da força ilocucionária pretendida pelo falante.

O autor faz distinção entre significado da frase e significado do falante ou da expressão, referindo que o que caracteriza a linguagem figurada é exatamente a distância entre o significado das palavras da frase e aquele que o falante lhe atribui.

Somos capazes, graças a nossa competência semântica, de levar em consideração um conjunto de elementos prévios, relacionados ao contexto e interpretar enunciados de maneira apropriada. Para Searle, bastariam os princípios da conversação e regras gerais para realizar os atos de fala e para reconhecer os princípios básicos da ironia (NEVES, 2006).

4.4 Sarcasmo X Ironia

Sarcasmo e ironia possuem uma relação íntima. Ambos tendem a ser usados para se fazer um enunciado que tenha conotação emocional. Frequentemente, as pessoas dizem que algo é irônico quando é na verdade sarcástico e vice-versa. Na verdade, sarcasmo é um conceito que se utiliza de ironia. Em muitos exemplos, sarcasmo é um enunciado “temperado” com ironia.

Pode-se pensar a ironia como uma forma de expressar-se de modo sarcástico. Se uma garota, por exemplo, que vai sair com o namorado, demora muito para se arrumar e quando, depois de horas, ela finalmente aparece, o namorado fala com um tom sem muita expressão:

(13) Bem, você com certeza não demora muito para se arrumar.

Retomando a teoria da menção ecóica, pode-se dizer que o namorado está utilizando-se de ironia, talvez ecoando um enunciado da namorada, dizendo que ela não demoraria muito para ficar pronta. Na circunstância descrita, ironia é, portanto, utilizada para expressar o oposto da situação real, com o objetivo de ridicularizar o tempo que a namorada realmente

levou para se arrumar. A ironia é empregada, mas o humor que é atingido através de seu uso é considerado sarcasmo.

Pode-se extrair, a partir do exemplo acima, que sarcasmo é considerado uma forma de humor, enquanto a ironia pode ser encontrada em qualquer tipo de situação, seja ela séria ou engraçada. A ironia assume diferentes formas, como a ironia dramática, que não poderiam ser caracterizadas como engraçadas. Elas servem como uma forma de emocionar os participantes da situação, mas não de ridicularizá-los. Sendo assim, a ironia é mais variada em uso do que o sarcasmo.

Com frequência, o sarcasmo é confundido com a ironia. De qualquer forma, o sarcasmo é uma forma de ironia, mas usa senso de humor afiado para destacar a obviedade, estupidez ou um fator irritante de uma determinada situação. Uma das principais diferenças entre ironia e sarcasmo é que a ironia é, normalmente, mais sutil e o sarcasmo é, geralmente, mais provocador, mais áspero. Essa interpretação pode ser rasa, mas serve para começar a compreender essa diferença.

De acordo com a visão tradicional da ironia, os falantes chamam a atenção para suas intenções sarcásticas ou irônicas por alterar o tom ou a entonação da voz quando falam. Por exemplo, quando alguém faz uma promessa e o interlocutor diz *Sei...*. O contexto, a entonação e principalmente a prosódia faz com que a ironia seja inconfundível. Mas o sarcasmo se torna ainda mais pontual através do tom da voz, indicativo de que o interlocutor estava realmente

impressionado com a promessa feita. Em geral, o tom de voz é baixo, sem subidas e descidas e sem qualquer tipo de entonação. A percepção do sarcasmo pode aparecer, também, com a mudança no volume da voz, duração da sílaba e o nível, podendo ressignificar algumas das qualificações usuais das palavras. Geralmente, expressam atitudes negativas.

Tabela 1: Exemplos de Pistas de Ironia⁸

Pistas verbais	<p>1. Hipérbole, exagero – adjetivos (maravilhoso, ótimo), advérbios (certamente, realmente), metáforas</p> <p>2. Interjeições – Ah! Oh! Ah, tá!</p> <p>3. Prosódia – entonação, sotaque, acentuação exagerada, falar devagar, tom de voz, nasalação</p> <p>4. Atos de fala que expressem emoções contrafactuais – agradecimentos, elogios</p>
Pistas não-verbais	<p>1. Expressão facial - zombaria, sem expressão</p> <p>2. Pistas comportamentais – gesticular, apontar, rir</p>

Em muitos casos, os falantes realmente querem que o sentido literal da palavra seja entendido, mesmo que falem de maneira sarcástica (GIBBS, 1986). Por exemplo, um motorista que diz a algum passageiro “Adoro quando as pessoas dão sinal”, logo depois de outro carro ter cortado a sua frente, sem sinalizar. O motorista constitui a sentença sarcasticamente, embora o sentido literal das palavras fosse verdadeiro.

4.4.1 Características do sarcasmo/ironia

Pesquisas realizadas nos últimos anos investigam características específicas de mensagens sarcásticas. Algumas pistas verbais de sarcasmo podem ser morfológicas, sintáticas, lexicais ou tipográficas (Attardo et al., 2003). Por exemplo, William (1984) argumentou que um vocabulário incomum geralmente acompanha o sarcasmo. Rockwell (2004) argumentou que enunciados sarcásticos são frequentemente mais declarativos do que interrogativos ou imperativos. Rastall (2003) argumentou que o pronome *nós* é usualmente usado em comentários sarcásticos como “E como nós estamos hoje?” Esse tipo de uso é mais

⁸ Tabela adaptada do artigo de Utsumi *Verbal irony as implicit display of ironic environment: Distinguishing ironic utterances from nonirony* (2000, p. 1787).

frequentemente visto como sarcástico quando usado por falantes adultos que se reportam a outro adulto em segunda pessoa.

Valência, ou o grau de positividade e negatividade de uma mensagem, é uma das grandes características do sarcasmo. Em muitos exemplos, um comentário sarcástico é enunciado com palavras positivas e a intenção é negativa, como em “Bom trabalho!”, dito para alguém que tenha feito um trabalho péssimo (GIBBS, 2000). Porém, é possível produzir sarcasmo com uma intenção positiva e utilizar palavras negativas, como em “Você parece péssimo!”, dirigido a alguém que está muito bonito. Essa segunda forma de sarcasmo é muito menos utilizada devido à possibilidade de desentendimentos e é tipicamente usada em relações íntimas (ROCKWELL, 2004).

Outra forma comum de sarcasmo analisada por pesquisadores envolve o alvo ou a vítima do sarcasmo. Estudiosos analisam se um comentário sarcástico pode ser auto-depreciativo ou se é direcionado a seus interlocutores (BALL, 1965). Alguns pesquisadores (IVANKO, PEXMAN e OLINECK, 2004) sugerem que mulheres possuem maior tendência a produzir sarcasmo auto direcionado e homens tem maior tendência a produzir sarcasmo direcionado aos interlocutores.

Uma terceira área de pesquisa sobre as mensagens sarcásticas envolve a seriedade do comentário. Muitos pesquisadores sugeriram que a maior parte dos enunciados sarcásticos é provocativa e/ou leve (GIBBS, 2000), mas outros argumentam que o sarcasmo tende a ser destrutivo e danoso aos relacionamentos (LEGGITT e GIBBS, 2000).

O sarcasmo é geralmente avaliativo em conteúdo (ROCKWELL, 2004). Ou seja, mensagens sarcásticas implicam algum tipo de avaliação de alguma coisa – geralmente uma pessoa e geralmente o destinatário do comentário. Comentários avaliativos sobre o tempo são também considerados sarcásticos: “Ótimo dia para se pegar um sol!” ou “Mas que dia maravilhoso!”. Assim, as palavras escolhidas para se fazer um comentários sarcásticos envolvem termos como *ótimo*, *maravilhoso*, *perfeito* ou *excelente*. Por causa da natureza do sarcasmo, essas expressões são geralmente extremas e contém linguagem intensa, ou seja, falantes que se utilizam de sarcasmo tem maior tendência a indicar o sarcasmo ao utilizarem adjetivos e advérbios superlativos (como *maravilhoso* ou *ótimo*) do que termos mais moderados (como *bom* ou *legal*) (KREUZ e ROBERTS, 1995).

5 AS FUNÇÕES SOCIAIS DA IRONIA

Conforme já foi dito, muito do que as pessoas querem dizer quando elas falam vai além do significado literal das palavras ditas. Frequentemente, não se diz exatamente, nem tudo, o que se pensa. A ironia é largamente usada como uma forma de linguagem não literal em que o falante quer dizer muito mais do que ele fala.

Uma das formas mais comuns de uso de ironia é o que Dews, Kaplan e Winner (2007) chamam de *criticismo irônico*: quando o locutor se expressa positivamente para comunicar uma atitude negativa – por exemplo, dizer “Esse jogo foi ótimo!” logo depois de ter perdido um jogo. Além desse tipo de ironia, os falantes podem usar uma declaração negativa para expressar uma avaliação positiva – dizer “Que droga de jogo” depois de ter ganhado um jogo. Pode-se citar, ainda, o sarcasmo, como uma das formas de ironia crítica, que tem por alvo um indivíduo e tem a intenção de censurar, o que já foi citado no capítulo anterior.

Os estudos relatados até agora apontam para como a ironia é usada, citando algumas características próprias da ironia, mas não conseguem responder por que as pessoas a utilizam. Dews, Kaplan e Winner fizeram um levantamento para tentar responder essa questão. Eles investigam quatro funções da ironia: humor, status de elevação, agressividade e controle emocional. Essas funções, segundo os autores, são as que mais frequentemente estão associadas ao uso da ironia.

a) Humor

Os autores consideram que pode ser útil que os falantes sejam engraçados enquanto sendo críticos. As pessoas tem maior propensão a julgar o humor como uma meta de comunicação irônica do que linguagem literal. Além disso, “a surpresa provocada pela diferença entre o que é dito e o que é intencionado pode ser causa de humor” (DEWS, KAPLAN e WINNER, 2007, p. 298-299).

b) Status de elevação

Quando um falante produz uma crítica, eleva seu status e/ou diminui o status da pessoa para quem a crítica foi direcionada. Assim, um criticismo irônico poderia ser mais forte do que uma crítica literal, pois o falante infere como a vítima deveria ter se comportado em

contraste com o que a pessoa na realidade fez. Por outro lado, uma crítica literal não parece levantar tanto o status, porque o ouvinte tende a interpretá-la como uma brincadeira. (DEWS, KAPLAN e WINNER, 2007).

De outra forma, elogiar parece diminuir o status em relação a quem ouve. Isso parece ser verdade somente em elogios literais. Elogios irônicos são ambíguos, por colocá-los em termos negativos, deixando o ouvinte a se perguntar se o falante teve a intenção de elogiar ou de repreender. Assim, um elogio irônico pode elevar o status do falante enquanto um elogio literal pode diminuí-lo.

c) Agressividade

Geralmente se assume que ironia é uma forma crítica maliciosa, que pode insultar mais do que uma declaração direta. Muitos dicionários definem ironia como sendo uma forma de zombaria. Esse sentido pode ser depreendido quando se contrastam o que é dito (positivamente) com o que é inferido (negativamente). Assim sendo, por que a ironia é utilizada dessa forma? Dews, Kaplan e Winner atestam que alguns pesquisadores concluíram que o criticismo irônico é mais “maldoso” do que o literal.

Brown e Levinson concordam que, como críticas são diretas, o criticismo irônico pode ser usado para expressar uma crítica de forma menos ameaçadora do que a crítica literal (apud DEWS, KAPLAN e WINNER, 2007). Um falante pode insultar ou criticar alguém usando ironia, assim fazendo com que seu ouvinte decida entre mais de uma interpretação. Dessa forma, quem decide como interpretar o enunciado é o ouvinte, e o falante fica livre de responsabilidade. Se o ouvinte desaprovar, o irônico pode retirar o que disse, dizendo que ele foi mal interpretado, ou fazer piada da situação.

d) Controle emocional

Segundo os autores, o falante irônico demonstra medidas de auto-controle por ter realizado uma “brincadeira”. Se, de fato, enunciados irônicos são percebidos como sendo mais engraçados que os não irônicos, e se são menos críticos, conclui-se que a ironia deveria fazer com que os interlocutores se sentissem menos insultados e menos defensivos.

Assim, os falantes teriam motivos diferentes para usar a ironia como forma de linguagem. Ela traria benefícios tanto para o falante quanto para o interlocutor. Pode-se dizer

que a ironia serve a diferentes funções sociais: os falantes podem silenciar a agressão sugerida através de críticas ou reduzir elogios (DEWS, KAPLAN e WINNER, 2007).

Alguns pesquisadores sugerem que a ironia verbal é usada para se atingir objetivos sociais e comunicativos complexos (KREUZ e ROBERTS, 1995). Por exemplo, a ironia pode ser escolhida em detrimento de linguagem literal para trazer humor para determinada situação (KREUZ e GLUCKSBERG, 1989; KUMON-NAKAMURA et al., 1995). Quando as percepções de adultos foram estudadas, comentários irônicos foram vistos como mais engraçados e mais leves que enunciados literais (GIBBS, 2000).

Um conhecimento mais abrangente da linguagem irônica requer que inferências complexas sobre as intenções do falante sejam feitas, tarefa essa que pode ser desafiadora, pois, não existindo intimidade com quem produz ironia, o conhecimento de determinada intenção se perde.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial deste trabalho foi tentar abranger quais seriam os mecanismos necessários para se compreender enunciados irônicos. Para este estudo, as teorias de Grice, Sperber e Wilson, Kreuz e Glucksberg, Kumon-Nakamura et al. e Utsumi foram essenciais, pois analisam de que forma nos comunicamos e quais os caminhos necessários para se depreender o sentido figurado de um enunciado, em especial da figura de linguagem da ironia. Creio que, ao final desta leitura, podem-se destacar dois pontos fundamentais: 1) a ironia, definitivamente, não é somente dizer o contrário do que se pensa e 2) para se entender um enunciado como irônico tanto o falante quanto o ouvinte devem compartilhar muito mais do que apenas um diálogo.

A apresentação dessas propostas foi essencial, pois foram capazes de gerar uma reflexão sobre a ironia verbal e a forma como ela é compreendida. Ademais, sendo as teorias complementares às outras, não se extrai muito de incongruências nas propostas dos pesquisadores; há, sim, uma adição à proposta anterior, em respeito às partes que se julgavam estar incompletas ou obscuras.

Durante a preparação deste trabalho, a teoria de Utsumi foi aquela que mais me chamou a atenção, tanto por criticar as propostas anteriores de forma incisiva quanto por tentar englobar elementos dessas propostas para formar a sua nova hipótese. Para este pesquisador a ironia vai muito além de quebras de máximas – como Grice (1982) postulava – ou de se ecoar um conhecimento prévio – como destacam as teorias de Sperber e Wilson (1981, 1986), Kreuz e Glucksberg (1989) e Kumon-Nakamura et al. (2007). Para Utsumi, ser um enunciado irônico envolve todo um ambiente no qual a ironia deve estar presente além de participantes que compartilhem desse mesmo ambiente. Sem tais pressupostos, a ironia pode ser mal interpretada ou não ser entendida para, então, ser motivo de desentendimentos.

Cabe destacar que, justamente por ser uma linguagem figurada – como muitos dos pesquisadores apontam –, a ironia não é tão óbvia assim, necessitando de pistas que levem o ouvinte a compreender a carga irônica nas palavras do falante. Essas pistas podem existir no ambiente - como aponta Utsumi (2000) – ou como parte da prosódia, nas expressões faciais, nas palavras escolhidas pelo falante.

A ironia, por ser uma figura de linguagem usada ostensivamente – é utilizada nos diálogos diários, nos programas de televisão, em diversas situações cotidianas – deve ser estudada também de forma ostensiva. Ignorá-la é querer abster-se de uma poderosa ferramenta de comunicação, que pode servir como arma de humor, de poder e até de agressividade. Além disso, ser capaz de compreender a ironia é importante: demonstra que quem a compreende compartilha de muitos aspectos linguísticos e sociais com aquele que produz um enunciado irônico.

Resumindo, pode-se dizer que as diferentes teorias que tentam explicar de que forma a ironia verbal é compreendida foram apresentadas com o objetivo maior de se tentar compreender a maneira pela qual conseguimos diferenciar enunciados irônicos de não-irônicos. O que se pode depreender:

- 1) Em enunciados não-irônicos os ouvintes tem suas expectativas alcançadas, sendo que em enunciados irônicos essas expectativas não se completam;
- 2) Enunciados irônicos devem fazer parte de um ambiente também irônico;
- 3) Somente se dizer o contrário do que se pensa não é estar sendo irônico;
- 4) O uso de elementos de prosódia, expressões faciais e vocabulário específico ajudam na compreensão de enunciados irônicos;
- 5) Ironia desperta emoções tanto no falante quanto no ouvinte.

Dessa forma, acredito que o estudo seja importante por trazer, a partir de uma visão geral e teórica, a forma como a ironia é compreendida. Como Fernando Pessoa diz em seu *Livro do Desassossego*: “a ironia é o primeiro indício de que a consciência se tornou consciente”. Também acredito nisso: a partir do momento em que compreendemos um enunciado como sendo irônico, tornamo-nos conscientes de que algo além do óbvio ou do literal está sendo dito e temos que estar prontos para inferir o que realmente se quer dizer.

Importante notar que o resultado final deste estudo não foi encontrar detalhes de qualquer teoria ou teórico; houve, sim, a tentativa de incorporar o trabalho de pesquisadores e se construir a partir deles, focando-se nas características que compõe a ironia verbal. Por óbvio, este trabalho não tem pretensão exaustiva. Busca-se lançar questões para a reflexão, para que se possa pensar sobre as propostas apresentadas, as tentando incorporar no cotidiano e realmente perceber se elas se aplicam ou não.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

ATTARDO, S., EISTERHOLD, J., HAY, J., e POGGI, I. Multimodal markers of irony and sarcasm. In: *International Journal of Humor Research*, 2003, n. 16(2), p. 243-260.

BALL, D. W. Sarcasm association: The rhetoric of interaction. In: *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, 1965, n. 2(4), p. 190-198.

BRYANT, G. A., FOX TREE J. E. *Recognizing verbal irony in spontaneous speech*. In: *Metaphor and Symbol*, n.17 (2), p. 99-117, 2002.

CICERON. *De Oratore*. Paris, Hachette, 1955.

COLSTON, H.L. Salting a wound or sugaring a pill: the pragmatic functions of ironic criticism. In: *Discourse Processes*, 1997, n. 23, p. 25-45.

_____. On necessary conditions for verbal irony comprehension. In: *Pragmatics and Cognition*, 2000, n.8, p. 53-76.

COSTA, J.C. A teoria da relevância e as irrelevâncias da vida cotidiana. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, 2005, v. 5, n. esp., p. 161-169.

DEWS, S., KAPLAN, J., WINNER, E. Why Not Say It Directly? The Social Functions of Irony. In: COLSTON, H.L., GIBBS, R.W. *Irony in Language and Thought: a cognitive science reader*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2005.

GIBBS, R.W. Irony in talk among friends. In: *Metaphor and Symbol*, n.15, p. 5-27, 2000

_____. On the Psycholinguistics of Sarcasm. In: *Journal of Experimental Psychology: General*, n.115, p. 3-15, 1986

_____. *The poetics of mind: figurative thought, language and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994

GRICE, H. P. Lógica e conversação. Trad. De João Wanderley Geraldi, s/d. In: DASCAL, M (org). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas, Ed. Do Autor, v. IV, 1982 p. 81-103.

HOROWITZ, M.C. *New Dictionary of the History of Ideas*. New York: Thomson Gale, 2004.

IVANKO, S. L., PEXMAN, P.M., & OLINECK, K. M. How sarcastic are you? : Individual differences and verbal irony. In: *Journal of Language and Social*, 2004, n. 23 (3), p. 244-271.

KIERKEGAARD, S. A. *O Conceito de Ironia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991

KREUZ, R. J. e GLUCKSBERG, S. How to be sarcastic: the echoic reminder theory of verbal irony. *Journal of Experimental Psychology: General*, 1989, n. 120, p. 374-386.

KREUZ, R. J. e ROBERTS, R. M. Two cues for verbal irony: Hyperbole and the ironic tone of voice. In: *Metaphor and Symbolic Activity*, 1995, n. 10, p. 21-30.

KUMON-NAKAMURA, S. et al. *How about another piece of the pie? The allusional pretense theory of discourse irony*. In: COLSTON, H.L., GIBBS, R.W. *Irony in Language and Thought: a cognitive science reader*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007.

LEGGITT, J. S., e GIBBS, R. W. Emotional reactions to verbal irony. In: *Discourse Processes*, 2000, n. 29 (1), p. 1-24.

NEVES, M. A. G. *Aspectos cognitivos na construção da ironia*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro. 2006. 194f.

PERNA, C.L. Ironia e interdiscurso. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, 2005, n.1, p.221-229.

QUINTILIANO, M.F. *Instituições Oratórias*. São Paulo: Cultura, 1944.

RASTALL, P. What do we mean by 'we'? In: *English Today*, 2003, n.19 (1), p. 50-53.

ROCKWELL, P. (2004). *The sarcastive: A linguistic and paralinguistic analysis*. Language and Social Interaction Division, International Communication Association Annual Convention, May, 2004, New Orleans, LA

OLIVEIRA, J.A. *X é irônico? Uma abordagem prática da ironia em textos jornalísticos*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná, Faculdade de Letras, Curitiba. 1994. 126f.

PESSOA, F. *Livro do Desassossego*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEARLE, J. R. Metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and thought*. Cambridge: University Press, 1993, p. 83-111.

SPERBER, D., WILSON, D. Irony and the Use – Mention Distinction. In: COLE, P. *Radical Pragmatics*. New York: Academics, p. 295-318, 1981.

_____. On Verbal Irony. In: *Lingua*, 1992, 87, p. 53-76.

_____. *Relevance: Communication and Cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1986

_____. Teoria da Relevância. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, 2005, v. 5, p. 221-268.

UTSUMI, A. *A Unified Theory of Irony and Its Computational Formalization*. In: COLING 96. Proceedings of the 16th conference on computational linguistics, 1996, n. 2, p. 962-967.

_____. Verbal irony as implicit display of ironic environment: Distinguishing ironic utterances from nonirony. In: *Journal of Pragmatics*, 2000, n. 32, p. 1777-1806.

VENÂNCIO, R. D. O. Ironia e Jornalismo de Karl Marx e Frederich Engels In: *Revista Rhetorikê*, 2009, n.2, p. 1-15.

WILLIAMS, J. P. (1984) Does mention (or pretense) exhaust the concept of irony? *Journal of Experimental Psychology*, 1984, n.113, p. 127-129